

A Rosa.

Bela rosa,
Que vaidosa
Vais ornar o nívoo seio
Que faz todo o meu enleio,
Si maligno
Teu destino
Quer que as belas companheiras
Mais não vejas nas roseiras:
Outras rosas
Mais formosas
Tu verás nas lindas faces
Sempre frescas e vivaces.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céu resume.

Ah! consente,
Que um ardente
Beijo imprima n'esta folha;
Toma-o antes que eu te colha.
Quando a bela
Vires, e ela
Te beijar, seus lábios logo
Sintam d'ele todo o fogo.
Mas já Flora
Triste chora!
Mais os seus jardins não ornas,
Mais aos seus jardins não tornas.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céu resume.

Lá no meio
D'esse seio
Tens teu trono qual convinha,
Pois das flores és rainha.
Porém tremo
Todo, e temo
Que um rival tenha a lembrança
De ir roubar-te por vingança.
Um espinho
Teu daninho
Lhe reserva então, e pronta
Fere a mão, que assim te afronta.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céu resume.

Se ao ferires
Tu sentires,
Que seu seio não palpita,
Tem por certa a tua dita.
Se se enfada
Magoada,
Morre logo, pois receio,
Morras fora do seu seio.

D'esta sorte
Com a morte
Teus ao menos a ventura
De ter n'ele a sepultura.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céu resume.

Francisco Vilela Barbosa, 1848.

Ode publicada no segundo tomo de "Parnaso brasileiro" de João Manuel Pereira da Silva.